

O amálgama

Há alguns anos, vários Cirurgiões-Dentistas optaram por não utilizar mais o amálgama como material restaurador. Este fato tem ocorrido por diversos motivos, principalmente o da exigência de um padrão de beleza por parte dos pacientes.

Outro fato que vem sendo discutido, inclusive alguns serviços de saúde se utilizam dessa prerrogativa para adotar a prática da não utilização deste material, refere-se à Convenção de Minamata, ocorrida no Japão em 10 de outubro de 2013, cujas discussões tiveram objetivo de proteger a saúde humana e o meio ambiente de emissões e liberações antropogênicas de mercúrio e compostos de mercúrio. Esta convenção deu-se a partir dos efeitos do desastre ocorrido em Minamata, no Japão, em 1956 (naquele ano começaram a surgir os primeiros casos de contaminação por mercúrio despejado nos rios por uma indústria química instalada na região. O fato levou centenas de pessoas à morte).

A repercussão internacional do acidente gerou um movimento que busca a proibição do uso de qualquer forma de mercúrio em produtos e processos industriais. Como o amálgama odontológico leva mercúrio na sua composição, passou a fazer parte da discussão. Contudo, a questão é controversa em razão de alguns fatores, como o potencial de contaminação de alguns pacientes com restaurações de amálgamas.

A Convenção de Minamata possui um anexo que trata especificamente dos amálgamas dentários (haja vista a importância deste material restaurador no mundo), prevendo uma diminuição gradativa no uso do produto, sem determinar um prazo para que isso ocorra já que a eliminação depende do desenvolvimento de novos materiais.

Nos dias atuais, o que se tem são meras especulações. Não há, até o momento, estudos científicos que comprovam a contaminação do profissional e paciente por uso de amálgama, quando a manipulação, restauração e polimento são executadas dentro das técnicas preconizadas.

EXAME PARA DETECTAR O MERCÚRIO NO AMBIENTE ORGANISMO:

De acordo com a NR-7 das Normas de Saúde e Segurança do Trabalho, o limite de exposição ao mercúrio metálico é de até 40 microgramas por metro cúbico de ar para uma jornada semanal de até 48 horas. O limite máximo da presença de mercúrio no organismo é de 35 microgramas de mercúrio por grama de creatinina (medido por exame de sangue ou de urina).

O amálgama é um excelente material, especialmente para uso em países com perfil sócio econômico como o do Brasil.

O amálgama é um material com propriedades ainda inigualáveis e, enquanto não forem desenvolvidos substitutos com características similares, seu uso deve ser continuado.

EM BREVE, O CRO-MG FARÁ UM FÓRUM DE DISCUSSÃO SOBRE ESSA TEMÁTICA.